

[V1*danar* + (se) + (prep) + V2infinitivo] à luz da Gramática de Construções e da Gramática Cognitiva

[VIDANAR + (pron) + (prep) + V2infinitive] in the light of Construction Grammar and Cognitive Grammar

Thaís Franco de Paula¹

Resumo: Este trabalho investigou, à luz dos pressupostos da Gramática de Construções e da Gramática Cognitiva, a perífrase verbal [V1*danar* + (se) + (prep) + V2infinitivo] usada no português brasileiro para expressar o que Paula (2014) chamou de aspecto inceptivo com prolongamento da ação. O objetivo deste trabalho é verificar se, conforme a teoria eleita, [V1*danar* + (se) + (prep) + V2infinitivo] pode ser considerada uma construção do português brasileiro. A análise evidenciou que, embora nas palavras de Goldberg (1995) ‘as construções têm significado, **independentemente das palavras** que compõem a sentença’ (p. 1, tradução nossa, grifo nosso), questões cognitivas relacionadas aos esquemas imagéticos de FORÇA e MOVIMENTO que subjazem a todos os sentidos de *danar* influenciam no significado da perífrase. Isso, contudo, não nos impediu de a considerarmos uma construção, uma vez que os dados mostraram que [V1*danar* + (se) + (prep) + V2infinitivo] se constitui em um pareamento forma-significado, cujo significado não resulta da soma dos significados das partes da perífrase. Propomos que seja considerado que as construções têm significado, **independentemente dos significados lexicais das palavras** que compõem a sentença. Por trás de uma palavra, termo usado por Goldberg (1995), pode haver questões cognitivas relacionadas aos esquemas imagéticos que podem influenciar (não determinar totalmente) o significado da construção. Assumiu-se que as ocorrências da construção com os V1 *danar*, *desandar*, *desatar*, *destampar* e outros concorrentes que também trazem a noção de FORÇA e MOVIMENTO formam uma rede.

Palavras-chave: Gramática de Construções; Gramática Cognitiva; aspecto inceptivo com prolongamento da ação; [V1*danar* + (pron) + (prep) + V2infinitivo].

Abstract: This paper has investigated, based on the Construction Grammar and Cognitive Grammar, the verbal periphrasis [V1*danar* + (se) + (prep) + V2 infinitive] used in the Brazilian portuguese to express what Paula (2014) has called of inceptive aspect with progressive extension of action. This paper aims to check if, according to the elected theory, [V1*danar* + (se) + (prep) + V2 infinitive] can be considered a construction of the Brazilian portuguese. The analysis made clear that, although in Goldberg’s speech (1995) “constructions themselves carry meaning, **independently of the words** in the sentences” (p. 1), cognitive subjects related to imagetetic schemes of FORCE and MOTION that submit all

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG. O artigo é produto final da disciplina do POSLIN "Seminário de tópico variável em linguística teórica e descritiva: gramática de construções", ministrada pela professora Dr^a Sueli Maria Coelho. E-mail: tpaula@divinopolisuemg.com.br

the senses of “danar” influence in the meaning of the periphrasis. This, however, did not stop us of consider a construction, once the data has shown that [V1*danar* + (se) + (prep) + V2 infinitive] constitutes itself in a side by side meaning-form, which the meaning is not a result of the addition of parts of the periphrasis. We suggest to be considered that the constructions have meaning, independently of the lexical word meanings that constitute the sentence. Behind a word, a term used by Goldberg (1995), may have cognitive subjects related to the imagetic schemes that can influence (not totally determine) the meaning of the construction. Assumed that the occurrences of the construction with the V1 *danar*, *desandar*, *desatar*, “destampar” and other competitors that also bring a notion of FORCE and MOTION make a network.

Keywords: Construction Grammar; Cognitive Grammar; inceptive aspect with progressive extension of action; [V1*danar* + (se) + (prep) + V2infinitive].

Recebido em 30 de junho de 2015.

Aprovado em 30 de julho de 2015.

1 Considerações iniciais

Paula (2014) descreveu a gramaticalização² do verbo *danar*, o qual, abstraindo-se semanticamente, assume função gramatical e forma, junto com um V2 infinitivo, a perífrase [V1*danar* + (se) + (prep) + V2infinitivo] para marcação de aspecto inceptivo com prolongamento da ação, como em “A criança danou-(se) (a) chorar”. Segundo esse estudo, o verbo *danar* auxilia a marcar que a ação de V2 infinitivo começou e se prolongou por um período de tempo. O sentido do exemplo apresentado seria que a criança começou a chorar e que essa ação se intensificou e se prolongou por um período de tempo. O trabalho de Paula (2014) estudou, numa perspectiva diacrônica (do século XIX ao XXI), o processo de gramaticalização do verbo *danar* para marcação de aspecto no português brasileiro. Lançando mão do Corpus do Português³ e do *Twitter*, verificou-se que esse verbo passou de item lexical (palavra de conteúdo nocional) a item gramatical (marcador de categoria gramatical). Os dados mostraram que, até o século XIX, o item aparece no português brasileiro apenas em sua forma lexical.⁴ É somente no século XX que ele aparece como marcador da categoria gramatical aspecto. Os dados de Paula (2014), analisados conforme os critérios vigentes na literatura⁵ para identificação de um item em processo de gramaticalização, evidenciaram a gramaticalização do verbo *danar*.

² A gramaticalização é entendida, conforme Heine (2003), como um processo unidirecional no qual itens lexicais passam a assumir funções gramaticais. Os itens lexicais são entidades que fazem referência a dados do mundo real; nomeiam entidades, qualidades e ações. Já os itens gramaticais não têm um referente no mundo real; eles têm a função de organizar os itens lexicais no discurso, de conectar e de retomar partes de um texto e de manifestar noções gramaticais como gênero, número, pessoa, tempo, modo e aspecto.

³ Organizado e mantido pelos pesquisadores Mark Davies (Universidade Brigham Young) e Michael J. Ferreira (Universidade de Georgetown), está disponível online no sítio <http://www.corpusdoportugues.org> e conta com mais de quarenta e cinco milhões de palavras de quase cinquenta e sete mil textos escritos em português, que vão do século XIII ao XX.

⁴ As formas lexicais e gramaticais do verbo *danar* serão apresentadas na análise dos dados.

⁵ Frequência do item, critério semântico e critério sintático.

Partindo desse estudo, o objetivo do presente trabalho é analisar, à luz dos pressupostos da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; GOLDBERG, 2006; FILLMORE *et al.*, 1988; SALOMÃO, 2009) e da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; HEINE, 1997; KÖVECSES, 2010; FERRARI, 2011; BOAS, 2013; BROCCIAS, 2013;), se [V1*danar* + (se) + (prep) + V2infinitivo] integra o rol de construções do português brasileiro. Escolhemos uma abordagem teórica que une os pressupostos da Gramática de Construções e os pressupostos da Gramática Cognitiva, uma vez que, segundo Paula (2014), a possibilidade de *danar* figurar nesse contexto gramatical seria consequência de um processo metafórico cognitivo que atua sobre esse verbo, o qual é o responsável pela tradução do aspecto inceptivo com prolongamento da ação na construção. Paula (2014), seguindo Sigiliano (2012), observa em seus dados que a motivação cognitiva para se empregar verbos auxiliares (V1) não prototípicos em construções inceptivas está relacionada, entre outras coisas, à metáfora do movimento. Para Paula (2014), o que permitiu que *danar*, não prototipicamente inceptivo e durativo, passasse a marcar cumulativamente esses aspectos foi um processo metafórico de abstração semântica, relacionado aos esquemas imagéticos FORÇA e MOVIMENTO. Essa metáfora provém dos chamados esquemas imagéticos (ou esquemas de imagem), que são esquemas sensório-motores, os quais emergem a partir da interação entre corpo e ambiente e são responsáveis por muitas de nossas expressões (cf. LAKOFF e JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; KÖVECSES, 2010).

Segundo Paula (2014), como em [V1*danar* + (se) + (prep) + V2infinitivo] há mais de uma noção aspectual envolvida (inceptividade + prolongamento da ação (duração)), a motivação cognitiva para empregar essa construção como marcadora desses aspectos estaria relacionada a metáforas ligadas também aos já citados esquemas imagéticos MOVIMENTO e FORÇA, respectivamente. Comprovou-se, com base nos dados dos *corpora*, que essas metáforas já se faziam presentes nos sentidos concretos de DANAR, como veremos na análise dos dados, sendo, portanto, resquícios semânticos da forma concreta, conforme o princípio da persistência proposto por Hopper (1991).

Passaremos agora à apresentação do referencial teórico, em seguida, descreveremos a metodologia por nós adotada, a seção seguinte é composta pela apresentação e análise dos dados e o artigo se encerra com as considerações finais.

2 [V1*danar* + (se) + (a) + V2infinitivo] e as Gramáticas Cognitiva e de Construções

Em relação aos pressupostos teóricos da Gramática de Construções e da Gramática Cognitiva, Broccias (2013) adverte que, embora a Gramática Cognitiva seja anterior às abordagens construcionistas, elas compartilham muitos pressupostos. A abordagem cognitiva admite que léxico e sintaxe não constituem módulos rigidamente separados, mas formam um *continuum* de construções. Essas construções podem ser analisadas na vertente denominada Gramática de Construções, a qual assume que as expressões linguísticas constituem unidades simbólicas baseadas em correspondências entre forma e significado. Assim, o significado da construção não corresponde à soma dos significados das unidades lexicais que possuem, conforme a proposta da modelo formalista. Muitos trabalhos (cf. Fillmore; Kay O'Connor (1988), Kay; Fillmore (1999)) mostram o grande número de expressões cujos significados não se dão pela soma de cada uma das palavras que as compõem. Nesse paradigma da Gramática

de Construções, que tem como principais referências os trabalhos de Fillmore *et al.* (1988) e Goldberg (1995; 2006), a noção de pareamento forma-significado questiona essa ideia de composicionalidade, comumente encontrada na literatura semântica.

Nas palavras de Goldberg (1995) “as construções têm significado, independentemente das palavras que compõem a sentença” (p. 1, tradução nossa⁶). Goldberg (1995) defende a ideia de que as construções gramaticais são entidades teóricas da língua, unidades básicas da linguagem. Para a autora, não há dúvida de que os itens lexicais contribuem com muitas informações, entretanto “estruturas semânticas particulares com sua expressão formal associada devem ser reconhecidas como construções independentes dos itens lexicais instanciados por elas” (GOLDBERG, 1995, p. 1, tradução nossa⁷). Goldberg (1995) define construções gramaticais de forma que “C é uma construção se e somente se C é um par forma-significado <Fi Si>, de tal forma que nenhum aspecto de Fi ou de Si seja estritamente previsível a partir de partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas” (GOLDBERG19, 1995, p. 4, tradução nossa⁸).

Levando em conta o objetivo deste trabalho, é importante ressaltar que Goldberg (1995) propõe que as construções não formam um conjunto aleatório. Elas constituem uma rede organizada por relações de herança que motivam as propriedades das construções particulares. Essas relações de herança permitem a captura de generalizações, de irregularidades e de exceções das construções. Relacionado à essa questão, Goldberg (*op. cit.*) apresenta o Princípio da motivação maximizada, segundo o qual se uma construção A relaciona-se a uma construção B, o sistema da construção A relaciona-se semanticamente com a construção B. Assim, a possibilidade de determinar diferenças e semelhanças entre construções relacionadas, também chamadas de REDES, dá-se a partir da identificação de links de heranças.

3 Descrição da metodologia

Para cumprir o objetivo proposto, elegeu-se os pressupostos da Gramática Cognitiva e da Gramática de Construções. A perífrase [V1*danar* + (se) + (prep) + V2infinitivo] foi analisada conforme o que a teoria propõe como construção. Discutiu-se, neste trabalho, a relação entre os postulados da teoria e as características da perífrase em questão.

4 Apresentação e análise dos dados

Considerando que uma construção é um pareamento forma-significado que se dá independente da soma do significado de suas partes, para responder se [V1*danar* + (pron) +

⁶ Do original: “constructions themselves carry meaning, independently of the words in the sentences.” (GOLDBERG, 1995, p. 1).



⁷ Do original: “Particular semantic structures together with their associated formal expression must be recognized as construction independent of the lexical items which instantiate them.” (GOLDBERG, 1995, p. 1)

⁸ Do original: “C is a construction if, C is a form-meaning pair such that some aspect of F, or some aspect of S, is not strictly predictable from C’s component parts or from other previously established constructions.” (GOLDBERG, 1995, p. 4).







(prep) + V2infinitivo] integra o rol de construções do português brasileiro, precisamos elencar algumas considerações sobre cada uma das partes dessa perífrase. Para verificar se o significado de aspecto inceptivo com prolongamento da ação vem da soma do significado de *danar* com os outros elementos da perífrase, começamos por apresentar os significados desse item que é tão polissêmico no português brasileiro. Em relação à polissemia, para Silva (2003) existe polissemia quando há certa coerência semântica entre os diversos sentidos de determinada forma. Segundo esse autor, o principal fator dessa coerência são os esquemas imagéticos (resultantes de experiências perceptivas e motoras, ligadas ao corpo humano e a seu meio). Sigiliano (2008), por exemplo, defende que estamos diante de um caso de polissemia quando tratamos dos diversos sentidos do verbo *pegar* no português brasileiro, porque, de forma coerente, por trás dos sentidos desse verbo, subjazem os esquemas imagéticos de MOVIMENTO e CONTÊINER. Veremos no quadro a seguir que, de acordo com Paula (2014), os esquemas imagéticos FORÇA e MOVIMENTO estão presentes, de forma subjacente, nos sentidos de *danar*; em alguns casos de forma mais evidente, em outros de forma mais abstrata.

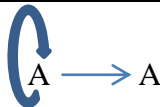




Apresentam-se no quadro a seguir os sentidos de *danar* identificados nos *corpora* de Paula (2014), seguidos dos desenhos/esquemas que traduzem os esquemas imagéticos FORÇA e MOVIMENTO.

QUADRO 1
Sentidos do verbo DANAR identificados no *corpus* e seus esquemas imagéticos

SENTIDOS DO VERBO DANAR				
CLASSIFICAÇÃO	SENTIDO/EXEMPLO DO <i>CORPUS</i> /DESENHO-ESQUEMA	SÉCULO		
		XIX	XX	XXI
CONCRETO ⁹	<p>Prejudicar (CUNHA, 2010) / Mulher que me perdeste na vida e na morte, mulher que me danaste em vida e me arruinaste na morte (...)</p> <p>A exerce uma FORÇA sobre B que, devido a essa FORÇA sofre um MOVIMENTO (uma mudança) de estado físico, de estado emocional, etc./ A mulher (A) exerce uma FORÇA/uma influência sobre o homem (B), que muda de estado (MOVIMENTO)</p> <p style="text-align: center;">A  B  B</p>	X	X	X

⁹ XXXX (2014) dividiu os sentidos de *danar* em concretos (lexicais) e abstratos (lexicais e gramaticais). De acordo com o critério semântico à medida que uma forma se gramaticaliza, ela sofre alterações semânticas, perdendo semas concretos, tornando-se mais abstrata até assumir valores gramaticais. XXXXX (2014) considerou concretos os sentidos etimológicos. Para determinar os sentidos mais concretos, lançou mão de cinco dicionários etimológicos, a fim de localizar o maior número de registros etimológicos possíveis e não incorrer no erro de computar um sentido etimológico (que se considera concreto) como abstrato por ele não aparecer em determinado dicionário. Assim, foi utilizado: Cunha (1986), Silveira Bueno (1974), Nascentes (1952-1955), Saraiva (1993) e Faria (2003).

	<p>Irritar (CUNHA, 2010)/ Mas ele danou-se foi com a grandíssima da estúpida trazer pra frente a sua defunta mulher, dizendo que ele a matara de desgostos por amor de umas certas coisas</p> <p>A exerce uma FORÇA sobre B que, devido a essa FORÇA sofre um MOVIMENTO (uma mudança) de estado físico, de estado emocional, etc./ A “grandíssima da estúpida” exerce uma FORÇA sobre B (ele) com sua atitude de modo que há uma mudança (movimento) em seu estado emocional.</p> <p style="text-align: center;">A  B  B</p>	X	X	X
	<p>Causar dano, perda; machucar./ (...) tudo fora metido ali, para ferir, para danar, para moer.</p> <p>A exerce uma FORÇA sobre B que, devido a essa FORÇA sofre um MOVIMENTO (uma mudança) de estado físico, de estado emocional, etc./ Para que haja um ferimento, um dano, uma FORÇA deve ser exercida em algo e esse algo muda de estado (MOVIMENTO) estado; passa de são para ferido.</p> <p style="text-align: center;">A  B  B</p>	X		
	<p>Estragar (BUENO, 1974)/ Tava demorando.. É só elogiar que dana tudo :P</p> <p>A exerce uma FORÇA sobre B que, devido a essa FORÇA sofre um MOVIMENTO (uma mudança) de estado físico, de estado emocional, etc./ O elogio é uma FORÇA que causa uma mudança (MOVIMENTO).</p> <p style="text-align: center;">A  B  B</p>			X
<p>ABSTRATO Lexical</p>	<p>Ir embora sem rumo, fugir apressadamente; desaparecer. (HOUAISS, 2001)/ Aff não vejo a hora de entrar no carro e me danar pra a praia...</p> <p>A exerce uma FORÇA sobre ele mesmo, o que lhe causa MOVIMENTO (mudança). / Existe uma FORÇA que impulsiona a pessoa a querer sair sem rumo, fugir apressadamente, se movimentar (MUDANÇA).</p>		X	X

				
	<p>Atirar ou meter (algo) com ímpeto e decisão ou sem atenção ou cuidado; arremessar. (HOUAISS,XXXX)/ Quando passa comercial de Violleta eu fico em tempo de danar a tv no chão pq ô coisa irritante</p> <p>A exerce uma FORÇA sobre B que, devido a essa FORÇA sofre um MOVIMENTO (uma mudança) de estado físico, de estado emocional, etc./ Para se atirar ou arremessar algo é preciso lança-lo com FORÇA. O atiramento/lançamento/arremeço/ gera um MOVIMENTO do objeto.</p> <p style="text-align: center;">  </p>			X
	<p>Bater (algo) em/ Débora acabou de danar a cabeça na parede !!!!!</p> <p>A exerce uma FORÇA sobre B que, devido a essa FORÇA sofre um MOVIMENTO (uma mudança) de estado físico, de estado emocional, etc./ Débora exerce uma FORÇA sobre sua cabeça e esta se desloca (MOVIMENTO) até a parede.</p> <p style="text-align: center;">  </p>			X
	<p>Xingar, zangar (com), ficar bravo (com)./ Pois é, mais depois eu vou danar com ele, odeio que as pessoas coloquem palavras na minha boca.</p> <p>A exerce uma FORÇA sobre B que, devido a essa FORÇA sofre um MOVIMENTO (uma mudança) de estado físico, de estado emocional, etc./ Uma pessoa ao xingar a outra desloca (MOVIMENTO) uma FORÇA/influência sobre a outra.</p> <p style="text-align: center;">  </p>			X
Gramatical	<p>V1_{DANAR} + (pron) + (prep) + V2_{infinitivo}. Marca o aspecto inceptivo cumulado com a ideia de prolongamento da ação./ Agora quando eu assistir o filme “2012” vou danar a rir!</p> <p>Há um movimento de A a B devido a uma força</p> <p style="text-align: center;">  </p>			X

A análise dos dados acima nos mostra que os sentidos lexicais do verbo *danar* não apresentam nenhuma propriedade de marcador do aspecto inceptivo com prolongamento da ação, sentido encontrado em sua forma gramaticalizada. O sentido de aspecto inceptivo com prolongamento da ação não se daria, portanto, a partir da soma dos sentidos lexicais com o pronome “se”, com a preposição “a” e com o sentido do V2¹⁰. Para Paula (2014), o que permitiu que *danar*, não prototipicamente inceptivo e durativo, passasse a marcar cumulativamente esses aspectos foi um processo metafórico de abstração semântica, relacionado aos esquemas imagéticos FORÇA e MOVIMENTO apresentados no quadro acima. Esse processo metafórico provém dos chamados esquemas imagéticos (ou esquemas de imagem), que são esquemas sensório-motores, os quais emergem a partir da interação entre corpo e ambiente e são responsáveis por muitas de nossas expressões.

Segundo Paula (2014), como em [V1*danar* + (se) + (prep) + V2infinitivo] há mais de uma noção aspectual envolvida (inceptividade + prolongamento da ação (duração)), a motivação cognitiva para empregar essa construção como marcadora desses aspectos estaria relacionada a metáforas ligadas também a mais de um esquema imagético (MOVIMENTO e FORÇA). Os dados mostraram que essas metáforas já se faziam presentes nos sentidos concretos de *danar*, sendo, portanto, resquícios semânticos da forma concreta, conforme o princípio da persistência proposto por Hopper (1991). As metáforas que estariam relacionadas com DANAR são as seguintes: “Mudança é movimento” (KÖVECSES, 2010, p. 370) e “Causas são forças” (KÖVECSES, 2010, p. 370). Segundo Paula (2014), na perífrase para marcação do aspecto inceptivo com prolongamento da ação,

as noções de movimento e de força são mais abstratas. Poderíamos até pensar: mas onde estão as noções de MOVIMENTO e de FORÇA nesse contexto? Um indício para a resposta estaria na clássica metáfora *tempo é espaço* (LAKOFF; JOHNSON, 2002), a qual implica que deslocamento pelo espaço é deslocamento no eixo do tempo. Assim, é possível notar a noção de movimento no sentido gramatical de DANAR: ele marca o início do deslocamento/movimento da ação no tempo, metaforizado como espaço. [...] [A noção de força relaciona-se ao fato de que] além do início da ação, há uma continuidade da ação no eixo do tempo, por onde essa ação metaforicamente vai se deslocar. Acreditamos que esse prolongamento da ação é possível devido à noção de FORÇA, que subjaz aos sentidos de DANAR. É mesmo de se esperar que um MOVIMENTO (deslocamento) com força tenha uma duração maior. Em outras palavras, é como se o esquema imagético FORÇA, presente em todos os sentidos do verbo DANAR, impulsionasse e permitisse a ação expressa pela construção a se prolongar no tempo. (Paula, 2014, p. 66-68)

Acreditar que o verbo *danar* colabora para a marcação do aspecto inceptivo com prolongamento da ação pelo fato dos esquemas imagéticos FORÇA e MOVIMENTO estarem presente, de alguma forma, em todos os seus sentidos, poderia nos levar a pensar que [V1*danar* + (se) + (prep) + V2infinitivo] não é uma construção, visto que isso contradiz o que diz Goldberg (1995): “as construções têm significado, **independentemente das palavras** que compõem a sentença” (p. 1, tradução nossa¹¹, grifo nosso). É possível verificar que as perífrases que marcam esse aspecto no português brasileiro, chamadas por Paula (2014) de

¹⁰ Esses elementos da perífrase serão melhor descritos adiante.

¹¹ Do original: “constructions themselves carry meaning, independently of the words in the sentences.” (GOLDBERG, 1995, p. 1).

concorrentes¹² de [V1*danar* + (se) + (prep) + V2infinitivo] têm em V1 um verbo que subjaz as noções de FORÇA e MOVIMENTO. Vejamos algumas:

(1) O menino **pegou**¹³ **a falar** palavrão.

Na ação de pegar pressupõe-se uma FORÇA necessária para segurar/prender o objeto pegado. Pressupõe-se também um MOVIMENTO do objeto pegado até quem pega.

(2) O menino **desatou** **a falar** palavrão.

Na ação de desatar pressupõe-se uma FORÇA necessária para se desfazer o nó. Pressupõe-se também um MOVIMENTO no processo de desatamento.

(3) O menino **destampou** **a falar** palavrão.

Na ação de destampar pressupõe-se uma FORÇA necessária para se retirar a tampa. Pressupõe-se também um MOVIMENTO da tampa.

Esses exemplos mostram que, para se ter o significado do aspecto inceptivo com prolongamento da ação, a perífrase precisa de um V1 com propriedades específicas, com esquemas imagéticos específicos. Contrariando a expectativa de que, devido a isso, [V1*danar* + (se) + (prep) + V2infinitivo] não poderia ser considerada uma construção, conforme descrito na seção 2, Goldberg (1995) propõe que as construções não formam um conjunto aleatório, mas constituem uma rede organizada por relações de herança que motivam as propriedades das construções particulares. Essas relações de herança permitem a captura de generalizações, de irregularidades e de exceções das construções. Para a construção que marcaria o aspecto inceptivo com prolongamento da ação teríamos, portanto, de modo geral, de modo regular, um V1 a que subjaz as noções de MOVIMENTO e FORÇA; optativamente, devido à integração sintática da construção¹⁴ o clítico e as preposições; e o V2 que expressa a ação que começa e se prolonga no tempo. Conforme o Princípio da motivação maximizada, percebemos que se [V1*danar* + (se) + (prep) + V2infinitivo] relaciona-se com [V1*pegar/desandar/desatar...* + (se) + (prep) + V2infinitivo], o sistema da construção [V1*danar* + (se) + (prep) + V2infinitivo] relaciona-se semanticamente com as construções [V1*pegar/desandar/desatar...* + (se) + (prep) + V2infinitivo] e, assim, elas formam o que Goldberg (1995) chama de REDE. A indicação é de que tanto a perífrase com *danar*, quanto com *pegar*, *desandar*, *destampar* e outros concorrentes se dão a partir de heranças metafóricas e esquemas imagéticos semelhantes.

Diante da análise de nossos dados proporíamos que as construções têm significado, **independentemente do significado lexical das palavras** que compõe a sentença. Há fatores cognitivos e metafóricos subjacentes às palavras que podem colaborar para a significação da construção. Acreditamos, contudo, que Goldberg (1995), ao dizer que “as construções têm significado, **independentemente das palavras** que compõem a sentença” (1995, p. 1, grifo nosso), dava ênfase ao postulado de que a construção tem significado independente da soma

¹² No sentido laboviano do termo

¹³ Para Sigiliano (2008) *pegar* traz as noções de MOVIMENTO e CONTÊINER.

¹⁴ A integração sintática é característica das formas em gramaticalização e todos aqueles verbos estão passando de mais concretos a mais abstratos.

das palavras que compõe a sentença, como fica claro na leitura de sua obra. Por exemplo: [Prejudicar¹⁵ + se + a + falar] não resulta em “começou a falar e continuou por um período de tempo”.

Voltemos à descrição de cada componente da perífrase para tratarmos da questão não composicional do significado da construção. O V2 da perífrase em estudo apresenta-se sempre em sua forma infinitiva e, embora parte de seu sentido esteja no sentido do aspecto inceptivo com prolongamento da ação, não se pode dizer que contribua de forma isolada, mas faz parte do todo significativo. O pronome *se* é um item de conteúdo gramatical com valor expletivo e já nem aparece na perífrase em alguns contextos gramaticais, como em “cara eu e minha mae somos as mais animadas da festa a gnt **dana canta**” (TWITTER, século XXI, grifo nosso). Paula (2014) mostrou na análise dos fatores sintáticos da perífrase que esse clítico que aparece em algumas ocorrências da perífrase, como em “Tem gente que dana-se a falar e nã fica block, eu tenho essa sorte” (TWITTER, século XXI, grifo nosso), é um vestígio da história de *danar* lexical, que é pronominal em algumas de suas acepções. Verificou-se que esse fato está relacionado ao princípio da persistência de Hopper (1991), segundo o qual, quando uma forma é submetida à gramaticalização, alguns vestígios de sua história original podem ser refletidos na sua distribuição gramatical. Os dados de Paula (2014) mostraram que, além do *a*, preposição de maior ocorrência entre V1 e V2, também apareceram em menor quantidade *para*, *de* e *em*, preposições que expressam a noção de movimento que também subjaz os sentidos de *danar*. A possibilidade da ausência do clítico e da preposição também é evidência de que a perífrase aqui em estudo é uma construção, já que o seu significado não se dá com a soma das partes, mas desse pareamento forma e significado. O mesmo significado é atribuído tanto em contextos com o clítico e a preposição quanto em contextos de ausência:

(4) O neném danou-se a chorar = O neném começou a chorar e continuou por um período de tempo.

(5) O neném danou chorar = O neném começou a chorar e continuou por um período de tempo.

Diante da análise e descrição dos dados, parece-nos viável a afirmação de que [V1*danar* + (se) + (prep) + V2infinitivo] é uma construção. Verificamos que, de fato, o significado da construção não corresponde à soma dos significados das unidades lexicais que possui. [Xingar¹⁶ + se + a + rir] não resulta em “começou a rir e continuou por um período de tempo”. Esse sentido se dá no pareamento forma-significado. É o todo que expressa o aspecto inceptivo com prolongamento da ação. Propomos, portanto, que o português brasileiro apresenta uma construção para a marcação do aspecto inceptivo com prolongamento da ação que pode ser assim representada:

(6) [V1¹⁷_{FORÇA&MOVIMENTO} + (se) + (prep¹⁸) + V2infinitivo¹⁹].

¹⁵ Um dos significados de *danar*, conforme apresentado no quadro 1.

¹⁶ Um dos significados de *danar*, conforme apresentado no quadro 1.

¹⁷ Independe o significado do verbo. Ele apenas precisa ter relação com os esquemas imagéticos FORÇA e MOVIMENTO.

¹⁸ Preposição que tem a ideia de movimento implícita (*a*, *de*, *para*, *em*).

¹⁹ Vai expressar a ação que começa e se prolonga no tempo.

5 Considerações finais

O objetivo geral deste trabalho consistiu em verificar, à luz dos pressupostos da Gramática de Construções e da Gramática Cognitiva, se a perífrase [V1 *danar* + (se) + (prep) + V2infinitivo], estudada por Paula (2014), integra o rol de construções do português brasileiro. Os dados de Paula (2014) foram relacionados com a teoria proposta. Embora, nas palavras de Goldberg (1995), “as construções têm significado, **independentemente das palavras** que compõem a sentença” (p. 1, grifo nosso), a análise dos dados evidenciou que questões cognitivas relacionadas aos esquemas imagéticos que subjazem a todos os sentidos de *danar* influenciam no significado da perífrase. Isso, contudo, não nos impediu de a considerarmos uma construção, uma vez que os dados mostraram que [V1 *danar* + (se) + (prep) + V2infinitivo] se constitui como um pareamento forma-significado, cujo significado não resulta da soma dos significados das partes da perífrase. Propomos que seja considerado que as construções têm significado, **independentemente dos significados lexicais das palavras** que compõem a sentença. Por trás de uma palavra, termo usado por Goldberg (1995), pode haver questões cognitivas relacionadas aos esquemas imagéticos que podem influenciar (não determinar totalmente) o significado da construção. Propôs-se [V1²⁰FORÇA&MOVIMENTO + (se) + (prep²¹) + V2infinitivo²²] para formalizar a construção de aspecto inceptivo com prolongamento da ação no português brasileiro e se assumiu que as ocorrências da construção com os V1 *danar*, *desandar*, *desatar*, *destampar*, e outros concorrentes que também tragam a noção de FORÇA e MOVIMENTO, formam uma REDE.

Por fim, acreditamos que este trabalho fomenta os trabalhos construcionistas e motivam novas investigações e pesquisas futuras.

Referências

- BOAS, H. C. Cognitive Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press. 2013, p. 233-254.
- BROCCIAS, C. Cognitive Grammar. In: HOFFMANN, T; TROUSDALE, G. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford. Oxford University Press, 2013, p. 149-162.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FILLMORE J.; KAY, P.; O’CONNOR, M. C. *Regularity and idiomacity in grammatical constructions: the case of let alone*. *Language*. v. 64, n. 3, p. 501-538. 1988.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

²⁰ Independe do significado do verbo. Ele apenas precisa ter relação com os esquemas imagéticos FORÇA e MOVIMENTO.

²¹ Preposição que tem a ideia de movimento implícita (a, de, para, em).

²² Vai expressar a ação que começa e se prolonga no tempo.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B. *Cognitive foundations of grammar*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1997.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUOGOTT, E. C.; HEINE, B. (Orgs.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.

JESUS, I. T. de. As construções condicionais universais proverbiais no Português do Brasil. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (Orgs.). *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

KAY, P.; FILLMORE, C. J. Grammatical constructions and linguistic generalizations: The What's X Doing Y? construction. *Language*, n. 75, p. 1-33, 1999.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: A Practical Introduction*. New York: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1997.

MAFRA, J. J. Texto de análise da dissertação de PAULA, T. F. de. *Estudo do processo de gramaticalização do verbo DANAR para marcação de aspecto no Português Brasileiro*. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

PAULA, T. F. de. *Estudo do processo de gramaticalização do verbo DANAR para marcação de aspecto no Português Brasileiro*. 2014. 90 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SALOMÃO, M. M. M.; MIRANDA, N. S. (Orgs.). *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

SIGILIANO, N. S. O telefone tocô eu peguei e: quem tá falano? - A polissemia do verbo PEGAR. 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Linguística) - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), College of Letters, Juiz de Fora, 2008.

SIGILIANO, N. S. Evidências translinguísticas da metáfora de movimento na construção de aspecto inceptivo. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 33-48, 2012.

SILVA, A. S. O sentido múltiplo: polissemia, semântica e cognição. In: FELTES, H. P. de M. (Ed.), *Produção de Sentido*; Estudos transdisciplinares. São Paulo, Caxias do Sul: Editora a Universidade de Caxias do Sul, 2003, p. 91-115.